

A representação da personagem feminina em *Azul Corvo*, de Adriana Lisboa

GENIANE DIAMANTE FERREIRA *

Resumo. Este artigo analisa como são representadas as personagens femininas no romance *Azul Corvo* (2014), de Adriana Lisboa. O artigo traz sucintamente o percurso do movimento feminista no Brasil para entendermos o contexto de produção da obra sob estudo. Faz-se, então, uma análise das personagens principalmente sob a perspectiva dos estudos de Bourdieu e Touraine que falam, respectivamente, de como se processa a dominação masculina e de como se dá a superação desta artificial e imposta autoridade masculina. Conclui-se que a obra tem características da quarta onda do movimento feminista e que suas personagens femininas veem e se comportam no mundo como sujeito independente de seu gênero. Elas tomam como desconstruída a oposição binária, hierárquica e não natural entre o feminino e o masculino e são atrizes de (sua própria) história.

Palavras-chave: movimento feminista; dominação; superação; personagem feminina; sujeito.

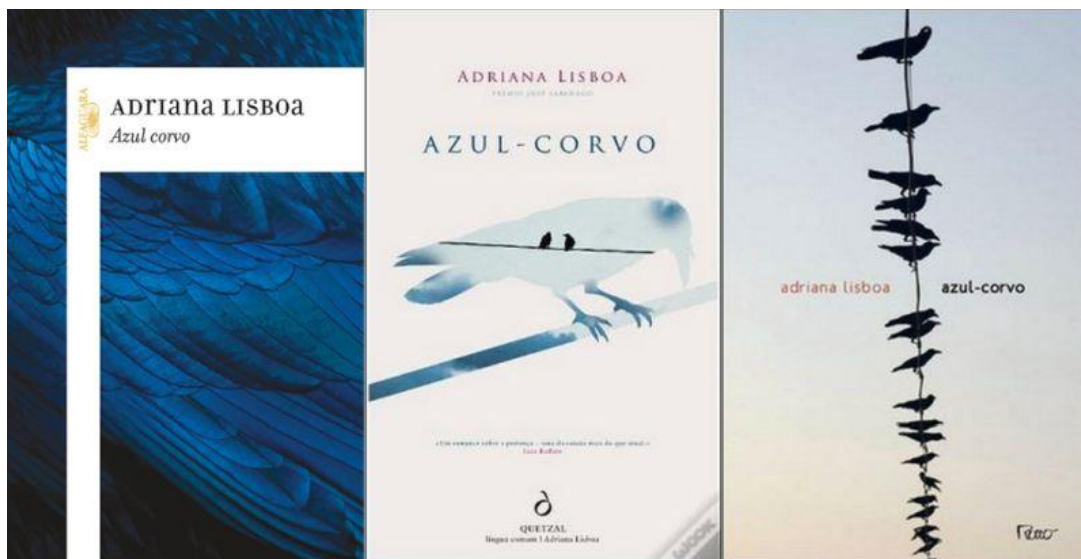
The representation of the female character in Azul Corvo, by Adriana Lisboa

Abstract. This article analyzes how the female characters are represented in the novel *Azul Corvo* (2014), by Adriana Lisboa. The article briefly presents the course of the feminist movement in Brazil to understand the context of production of the work under study. Then, an analysis of the characters is made, especially from the perspective of Bourdieu and Touraine's studies, which are respectively about how male domination is handled and how this artificial and enforced masculine authority is overcome. It is concluded that the book has characteristics of the fourth wave of the feminist movement and that its female characters see and behave in the world as a subject independent of its gender. They take as unbound the binary, hierarchical and unnatural opposition between the feminine and masculine and are actresses of (their own) history.

Key words: feminist movement; domination; overcoming; female character; subject.



* GENIANE DIAMANTE FERREIRA é professora de Língua Inglesa e Literatura em Língua Inglesa na Universidade Estadual de Maringá e Mestra em Letras (UEM).



1. Vida e obra de Adriana Lisboa

Adriana Lisboa nasceu em 1970 no Rio de Janeiro, onde morou durante a maior parte da vida. É autora de treze livros – romances, poesia, contos e obras para crianças e jovens – que receberam prêmios como o José Saramago, o Moinho Santista e o Prêmio de Autor Revelação da FNLIJ. Seus livros foram traduzidos em dezessete países.

Desde criança seus pais sempre a apoiaram no campo da literatura. No entanto, aos 18 anos, decidiu ir para a França onde trabalhou como cantora de MPB. Depois cursou Música na Uni-Rio e fez mestrado em Literatura Brasileira e doutorado em Literatura Comparada pela UERJ. Além de escritora, Adriana Lisboa trabalha como tradutora há mais de dez anos.

Desde 2007, mora nos arredores de Boulder, no estado do Colorado (estado em que se passa a história de “Azul Corvo”).

Lisboa pertence ao grupo das autoras contemporâneas brasileiras. Entretanto, diferentemente de muitas ficcionistas mulheres que abordam em suas obras os conflitos e a problemática dos gêneros no

contexto patriarcal decadente das décadas finais do século XX, como, entre outras, Nélida Piñon, Sônia Coutinho, Lya Luft e Helena Parente Cunha, as obras de Adriana Lisboa refletem sobre a busca da identidade no contexto de um mundo globalizado, sem aprofundar as questões de gênero.

A autora busca abordar questões como pertencimento, história política recente do país e imigração, inserindo o indivíduo, independentemente de ser homem ou mulher, nesse contexto desolador e caótico. (COQUEIRO, 2013)

2. As ondas do feminismo

A história do feminismo no Brasil não é muito conhecida, talvez porque tenha sido pouco contada. Os períodos mais notórios são as lutas dos anos 30, em virtude da reivindicação ao voto e dos anos 70, em virtude das conquistas mais famosas e recentes.

Entretanto, o movimento feminista pode ser compreendido, em sentido amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e

políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo.

De qualquer forma, o movimento feminista pode ser dividido em ondas. Constância Lima Duarte, em seu texto “Feminismo e Literatura no Brasil”, explica que chamamos ‘ondas’ as fases dos movimentos feministas, pois estas não são estanques mas, na verdade, “começam difusas e imperceptíveis e, aos poucos (ou de repente) se avolumam em direção ao clímax – o instante de maior envergadura, para então refluir numa fase de aparente calma, e novamente recomeçar” (DUARTE).

São quatro os momentos destas ondas: 1830, 1870, 1920 e 1970. Há, desta forma, um espaço de mais ou menos cinquenta anos entre elas. Estes intervalos não são impassíveis, mas também preenchidos de pequenas movimentações (que dão origem às ondas anteriormente mencionadas).

Passemos, desta forma, a ver as características de cada uma delas, seu contexto histórico, bem como as escritoras de cada um destes períodos.

Nos anos de 1830, temos a abertura das primeiras escolas públicas femininas; até então só havia conventos como local de educação para mulheres. Além disso, temos também o surgimento dos primeiros jornais dirigidos às mulheres. Entre outras, duas autoras relevantes devem ter seus nomes destacados: Nísia Floresta Brasileira (1810-1885), que escreveu *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, em 1832 e Ana Eurídice Eufrosina de Barandas que publicou, em 1845, a peça *A philosopha por amor*.

Quanto ao livro de Nísia, embora tenha sido praticamente a tradução de *Vindications of the Rights of Woman*, de Mary Wollstonecraft, tem significativa importância no Brasil, uma vez que debate acerca do direito das mulheres ao trabalho e à instrução e é considerado hoje o texto

fundante do feminismo brasileiro. Quanto à segunda obra, a peça traz a personagem Mariana, que reivindica direitos mencionados no livro de Nísia.

A característica mais marcante da primeira onda é o fato de ela não ter nascido no Brasil. Ela aparece advinda de clamor europeu que encontra lugar entre as mulheres brasileiras, já que tais reivindicações coadunavam com as questões da mulher brasileira. Nísia Floresta tem suma importância neste momento histórico, uma vez que é ela quem traduz culturalmente estas ideias e a partir disso, as ondas subsequentes são, por assim dizer, nativas, já com o clamor genuíno das mulheres brasileiras. É a primeira onda que, de certa forma, levanta mulheres para estas questões.

A segunda onda, nos anos 1870, já aparece em meio a um espantoso número de jornais e revistas de feição nitidamente feminista, como *O Sexo Feminino*, *Echo das Damas*, *O Domingo*, *O Jornal das Damas*. Neles eram encontrados romances, receitas e dicas de moda, mas também, clamor pelo ensino superior e trabalho remunerado para mulheres.

Esta é a característica fundamental desta segunda onda: inúmeros periódicos que tinham como principal objetivo convencer as mulheres de seus direitos (propriedade, trabalho profissional, voto, entre outros). É um período em que algumas mulheres objetivam conscientizar as outras acerca de sua posição na sociedade. Os primeiros passos deste protesto formam caminhos que se espalham de tal forma que as publicações não se concentram apenas nos grandes centros, mas também em muitos outros pontos do país.

É nesta década também que encontramos as primeiras brasileiras em curso universitário e é permitido às mulheres de classe baixa trabalhar em fábricas ou como prestadoras de serviço doméstico. Por

outro lado, apesar de parecer uma vantagem para elas tal ‘permissão’ legal, já que é justificada pela necessidade de obtenção de renda, o que ocorre verdadeiramente é a conveniência ao mercado, que precisa de mais mão de obra e, é claro, de baixo custo, uma vez que a remuneração às mulheres era inferior, condição que perdura até hoje.

O nome de maior destaque desta fase é o de Josefina Álvares de Azevedo (1851-?), que dirigiu o jornal *A Família*, encenou a peça *O Voto Feminino* e viajou o Brasil para conquistar adeptas à causa. É ela quem primeiro questiona a construção do gênero feminino, questão estudada até os dias de hoje.

A terceira onda, chamada por Duarte de ‘rumo à cidadania’, ocorre nos anos de 1920 e é caracterizada por uma

movimentação inédita de mulheres mais ou menos organizadas que clamam alto pelo direito ao voto, ao curso superior e à ampliação do campo de trabalho, pois queriam não apenas ser professoras, mas também, trabalhar no comércio, nas repartições, nos hospitais e indústrias (DUARTE).

Assim, em 1927, o governador do Rio Grande do Norte, Juvenal Lamartine, antes mesmo de a União fazê-lo, aprovou uma lei em seu Estado dando o direito ao voto às mulheres. A eleição da primeira prefeita – da América do Sul –, Alzira Soriano (1897-1963), em 1929, no município de Lajes, interior do Rio Grande do Norte foi notícia no mundo todo.

Mais tarde, em 1932, o presidente em exercício do Brasil, Getúlio Vargas, dá o direito ao voto feminino nas mesmas condições das do masculino, mas elas só o exercem nas eleições de 1945. Isto ocorre muito em virtude da campanha liderada por Bertha Lutz (1849 – 1976), que, com outras companheiras, fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

Não podemos deixar de mencionar também Maria Lacerda de Moura (1887-1945) que, ao publicar *Em torno da educação*, em 1918, iniciava sua luta pela completa libertação da mulher, já que preconizava que a instrução era indispensável para sua (re)construção. Sua obra, *A mulher é uma degenerada?*, teve tanta repercussão e polêmica que teve três edições, desafiando a sociedade fortemente patriarcal da época.

No campo literário, já vemos um grande aumento de autoras femininas. Dentre elas, podemos citar Gilka Machado (1893-1980), que em 1918 publicou um livro de poemas eróticos, *Meu Glorioso Pecado*; Rosalina Coelho Lisboa (1900-1975), que em 1921, conquistava o primeiro prêmio no concurso literário da Academia Brasileira de Letras, com o livro *Rito Pagão*; Rachel de Queiroz, com *O Quinze*, em 1930, cuja personagem feminina exibe traços de emancipação e prefere viver sozinha, "pensando por si", a aceitar um casamento tradicional; Mariana Coelho, que em 1933 publicou *A evolução do Feminismo: subsídios* que representa uma importantíssima e lúcida contribuição à história intelectual da mulher brasileira; e Adalzira Bittencourt (1904-1976), advogada, escritora e feminista, que, em 1946, organizou no Palace Hotel do Rio de Janeiro a Primeira Exposição do Livro Feminino.

Vemos, desta forma, um grande avanço quanto aos estudos feministas e direitos da mulher já nesta terceira onda. É a partir de 1970, entretanto, que vemos as maiores conquistas para as mulheres. Segundo Duarte (2003), está é “a onda mais exuberante, a que foi capaz de alterar radicalmente os costumes e tornar as reivindicações mais ousadas em algo normal”.

O ano de 1975, conclamado como o Ano Internacional da Mulher, foi logo estendido por todo o decênio (de 1975 a

1985), dada a situação deficitária da condição feminina, e tantas as metas para eliminar a discriminação. O dia 8 de março é então declarado, pela ONU, o Dia Internacional da Mulher e, ao passo que nos outros países as mulheres reivindicavam igualdade entre sexos e direitos, no Brasil, devido ao seu momento histórico, além desta luta, ainda se combatia a ditadura militar e a censura.

A redemocratização do país era mais evidente, mas, ainda assim, também houve debates acerca da sexualidade, do aborto e do planejamento familiar, dada a recém tecnologia anticoncepcional. Em virtude desta novidade na ciência, temas como a desvinculação entre sexo e amor ou entre sexo e compromisso também foram levantados.

Neste momento, o Movimento Feminino pela Anistia tem como porta-voz o jornal *Brasil Mulher*, lançado em 1975 e, já no ano seguinte, aparece o periódico *Nós Mulheres*. Ambas publicações apresentavam temas como o aborto, a mulher na política, o trabalho feminino, a dupla jornada e a mulher nas artes, discussões novas para a época.

Como resultado, já no final dos anos 1970 e ao longo dos anos 1980, o movimento feminista já estava bem articulado com discussões em universidades, criação de Grupos de Trabalho e publicação de trabalhos.

Também autoras muito profícuas (algumas ainda publicando) de obras literárias foram se despontando. Podemos citar, por exemplo, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Sônia Coutinho, Hilda Hilst, Helena Parente Cunha, Marina Colasanti, Lya Luft, entre muitas outras. Destaque especial deve ser dado à Nélida Piñon, que tomou parte na redação do Manifesto dos 1000 contra a censura e a favor da democracia no Brasil e que, em 1981, publicou *Sala de Armas*, livro composto

de contos aparentemente distintos mas que se estruturavam em torno de encontros e desencontros amorosos. Além disso, Piñon foi a primeira mulher a tomar posse como presidente da Academia Brasileira de Letras.

O movimento e estudos feministas no Brasil continuam a produzir muitos estudos teóricos e obras literárias e esta quarta onda tem apontado para outras correntes de discussão como a questão da mulher negra, lésbica etc. Assim, o percurso destes estudos tem tido efeitos sobre demandas prementes como as de justiça social na atualidade e da (re)construção da ideia de gênero e suas consequências.

Duarte fala de “tempos pós-feministas”, não no sentido de ‘ultrapassado’, mas de ‘posterior’, com lutas diversas, já que a presença das mulheres na construção da sociedade é, hoje, inegável. Entretanto, há ainda resquícios resistentes à mudança e que funcionam em favor das estruturas patriarcais de pensamento, como a violência contra a mulher e o reconhecimento profissional, para nomear apenas dois.

3. A figura da mulher na obra

3.1 Fábula de *Azul Corvo*

O livro “Azul Corvo” conta a história de Evangelina, uma adolescente que, ao perder a mãe, vai aos Estados Unidos em busca do pai e é acolhida por um ex-namorado da mãe. O enredo se passa tanto no Rio de Janeiro, como no estado do Colorado, nos Estados Unidos e também há cenas na praia em Barra do Jucu. Quem narra a história é a própria personagem, mas já mais tarde, aos 22 anos.

Evangelina, ou “Vanja”, embora tenha nascido no Novo México, sente-se uma brasileira e pertencente ao Rio de Janeiro, principalmente à praia de Copacabana, aonde foi morar desde os dois anos de idade.

Suzana, sua mãe, nunca lhe contou sobre o pai, mas, ao saber que está doente e prestes a morrer, dá à filha algumas informações sobre seu passado biológico. Assim, aos 13 anos, órfã, Vanja decide abandonar sua tia Elisa, irmã adotiva de Suzana, com quem morava, e partir em busca de suas raízes nos Estados Unidos, local desconhecido para ela, de onde é seu pai.

Lá encontra Fernando, um ex-namorado de sua mãe e começa uma vida nova. Apresentam-se, então, novos desafios, como a escola, a língua, novas amizades etc. Fernando, ex-guerrilheiro do Araguaia e agora guarda da biblioteca municipal, tem 50 anos. Deste encontro inesperado nasce uma verdadeira amizade de ajuda e respeito mútuo, apesar da personalidade fechada e desiludida de Fernando. Vanja conhece também Carlos, seu vizinho de 9 anos, que acaba por torna-se um novo amigo.

Depois de algum preparo, em um dado momento, Vanja, ajudada por Fernando e Carlos, saem em viagem à procura de seu pai. Encontram sua mãe, avó de Vanja, que a coloca em contato com Daniel, que agora mora na África. Ela mantém contato com o pai, mas acaba morando com Fernando, até a morte dele. Carlos passa então a viver com Vanja na mesma casa no Colorado. A busca da menina é, por fim, mais importante que o próprio ‘achamento’, tendo, a partir desta caminhada, formado sua identidade.

3.2 A mulher em *Azul Corvo*

Pierre Bourdieu, em sua obra *A Dominação Masculina* (2005), percorre um longo caminho perpassando inúmeros pontos da sociedade para demonstrar como este construto patriarcal se ergueu e é sustentado desde então.

Inicialmente, ele critica a construção social dos corpos, ou seja, a constituição da sexualidade que, como é vista hoje, leva-nos à posição ‘natural’ (naturalizada,

na verdade) e binária entre homem e mulher (masculino x feminino).

Deste modo, a divisão parece estar na ‘ordem das coisas’, pois o construído é naturalizado, o que provoca uma atitude ‘natural’, com reconhecimento e legitimação, deixando de lado as condições sociais, prementes para a compreensão integral neste contexto. Sem levar em conta o contexto histórico e social, a força da dominação masculina dispensa justificção, é uma visão que se impõe como neutra e se aplica a todas as coisas do mundo e ao próprio corpo. (BOURDIEU, 2005)

Assim, o Bourdieu ressalta que tal visão que se impõe com o rótulo de neutra não o é. Ao contrário: a dominação é produto de um trabalho incessante de reprodução praticada por agentes (masculinos) e instituições (igreja, pela moral patriarcal; família, com a experiência precoce da divisão do trabalho; escola, que transmite pressupostos da representação patriarcal; Estado, que reforça o patriarcado no meio público).

Para corroborar com a ideia de ‘construção’, Judith Butler, em sua obra *Problemas de Gênero*, ensina que atos, gestos e desejos produzidos são *performativos*, advindos de fabricações manufaturadas (discurso) e estes criam a ilusão de um núcleo organizado. Deste modo, a verdade interna do gênero é uma produção, efeito de um discurso.

A partir de tal construção com aparência de natural, há, então, a incorporação da dominação:

As divisões constitutivas da ordem social e, mais precisamente, as relações sociais de dominação e de exploração que estão instituídas entre os gêneros, se inscrevem, assim, progressivamente em duas classes de *habitus* diferentes, sob a forma de *hexis* corporais opostos e complementares e de princípios de

visão e de divisão, que levam a classificar *todas as coisas* do mundo e *todas as práticas* segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino. (BOURDIEU, 2005, p. 41, grifos nossos)

Desta forma, a dominação masculina, tida como resultado natural da oposição binária entre o masculino e o feminino se inscreve em todo o pensamento ou relação e disso depreendem consequências também tratadas por Bourdieu, como a masculinidade ligada à nobreza – já que às mulheres ficam as tarefas que requerem abnegação e docilidade; o corpo da mulher fica exposto à objetificação operada pelo olhar masculino e as construções econômicas, políticas e de poder repetem o modelo binário na construção da história, para citar algumas delas.

O movimento feminista vem, então, requerer, entre outras demandas, o trabalho de des-historicização, para ultrapassar os dualismos enraizados na sociedade:

é preciso reconstruir a história do trabalho histórico de des-historicização ou (...) a história da (re)criação continuada das estruturas objetivas e subjetivas da dominação masculina, que se realiza permanentemente (...) e através da qual a ordem masculina se vê continuamente reproduzida através dos tempos (BOURDIEU, 2005, p. 100-1).

Deste modo, necessário se faz entender como as mulheres superam ou podem superar tal dominação. O estudo de Touraine, em seu livro *O Mundo das Mulheres* (2007) busca definir a significação histórica da ação das mulheres e as opiniões contra as quais essa ação se encontra. O autor também objetiva pesquisar as mulheres como sujeito – atrizes – e descobrir que movimentos mostram uma mudança cultural. Para

tanto, ele estuda publicações, faz entrevistas em que as participantes falam sobre suas experiências, esperanças etc.

Indo contra a imposição da construção natural da oposição binária e hierárquica de gêneros, as mulheres aparecem, então, como já mencionado, como atrizes da (sua) história, se afirmando “como tais, se dão por objetivo principal a construção de si mesmas enquanto sujeitos livres e pensam que é através da sexualidade que se realiza este esforço de construção” (TOURAINÉ, 2007, p.24).

Assim, vemos que tanto cronologicamente quanto a respeito dos temas concernentes à mulher, *Azul Corvo* pertence à quarta onda do feminismo. Como vimos anteriormente, estas ondas vieram como reação à imposição de uma autoridade masculina e a consequente construção de uma sociedade patriarcal, cujos fortes traços ainda prevalecem.

Suzana, uma das principais personagens da obra ora sob estudo mostra essa liberdade, pois na narrativa da filha, esta afirma que viajavam juntas, encontravam os amigos dela, ela saía à noite para dançar e tomar cervejas, tinha namorados, fumava maconha e “ouvia Janis Joplin: *Freedom's just another word for nothing left to lose, Nothing don't mean nothing honey, if it ain't free, now now*. (Nada significa nada se não for livre)” (LISBOA, 2014, p. 43), canção bem significativa neste contexto.

O modelo de superioridade dos homens em relação às mulheres começa a ruir e passa-se da *mulher para o outro* para a *mulher para ela mesma*. Tal é o comportamento das personagens femininas de *Azul Corvo*.

Sua relação com os homens era ‘ditada’ por ela, sem estar subjugada ou vitimizada: “Minha mãe cresceu no Texas. Um dia, e ela nunca me disse por que, e eu de algum modo achei que não devia perguntar, rompeu relações com o pai e se

mudou para o Novo México” (LISBOA, 2014, p. 36).

A filha afirma que *ela* decidiu romper com seu pai (de Suzana), depois o pai de Vanja, o namorado americano antes de Fernando, Fernando e os namorados de Barra do Jucu: “Minha mãe gostava de romper relações com os homens e desaparecer de suas vidas” (LISBOA, 2014, p. 37).

Vemos, desta forma, que a figura de Suzana, principalmente esta entre as outras personagens, apresenta traços tratados por Touraine, como a desconsideração das ideologias da dominação, a oposição à visão unilateral, a construção de si para si (amor para consigo mesma) e, acima de tudo, a não oposição aos homens, pois ser sujeito é que é, sim, natural, independente do gênero.

Também, sua sexualidade é livre e ela não tem crises quanto a isso, ao contrário, há a presença natural do sexo e seu corpo não define mais suas funções: “Minha mãe dizia que *nós mulheres* também devíamos olhar pra bunda dos homens que passavam” (LISBOA, 2014, p. 276, grifo nosso).

Por outro lado, Vanja, metonímia de uma nova geração de mulheres, também se mostrava independente: ela decide sair em busca do pai, aos treze anos, num mundo desconhecido com a ajuda de um desconhecido. Ainda, demonstra coragem e agência diante da morte da mãe: “A minha vida ia seguir em frente, porque eu mandava nela, e não ela em mim” (LISBOA, 2014, p. 61).

Ainda, Suzana, assim como sua filha, Vanja, apresenta um novo paradigma de uma reflexão autônoma sobre si; e o ‘desequilíbrio’ (quando há) se dá no que tange ao indivíduo, ao sujeito, e não relacionado ao gênero. A afirmação da subjetividade é feita pela própria mulher e esta condição (do gênero) não faz diferença, mas apenas sua posição como

sujeito na sociedade, como vemos problematizado no trecho a seguir:

Minha mãe ganhava a vida dando aulas de inglês para os mexicanos que migravam de volta para o Novo México – tempos depois de os americanos terem migrado para lá, como ela gostava de dizer. Quem era estrangeiro ali? Quem era local? (LISBOA, 2014, p. 37)

Como dissemos, ela constrói seu próprio caminho: “Minha mãe não era de caminhar por cima dos próprios passos. Quando ia embora, ia embora, quando abandonava, abandonava”. (LISBOA, 2014, p. 42), assim como outras personagens mulheres da obra.

Vejamos: Dolores, irmã de Carlos, toma a decisão de abandonar a família para casar. Manuela, namorada de Fernando, também é guerrilheira, imagem diferente da mulher frágil e dócil. Isabel, ex-aluna e amiga de Suzana e June, também amiga de Suzana, são apresentadas como mulheres livres e até Florence, uma senhora, mãe de Daniel, avó paterna de Vanja, também é retratada de forma independente e autônoma.

Apenas na personagem Elisa, tia de Vanja e irmã adotiva de Suzana, é que podemos identificar alguns traços – resquícios – de uma dominação patriarcal. Apesar de ser independente no que tange a questão econômica – trabalhava desde os dezesseis anos – estava sempre em busca de um namorado, como se precisasse disso para sentir-se completa.

Tendo em vista tais representações femininas em *Azul Corvo*, que podemos afirmar que as personagens não mais tentam afirmar sua condição, ou mesmo reivindicam algo. Elas simplesmente tomam isso como um direito que lhes é natural. Não há mais questionamentos, pois creem que sua posição como mulher na sociedade já está conquistada e suas diferenças e oscilações referem-se à sua condição de sujeito (como o

descentramento ou o exílio, que não são objeto de estudo neste artigo), não de mulher.

4. Considerações finais

Com base na pesquisa desenvolvida para este estudo, concluímos que o romance *Azul Corvo*, de Adriana Lisboa tem características da quarta onda do movimento feminista. Isto porque suas personagens femininas veem e se comportam no mundo como sujeito independente de seu gênero. Elas já não têm uma luta pela desigualdade, mas tomam como desconstruída a oposição binária, hierárquica e não natural entre o feminino e o masculino e são atrizes de (sua) história.

Isso se demonstra quando da análise das personagens femininas, principalmente de Suzana e sua filha, Evangelina, que se mostram como mulheres que constroem seu próprio caminho e que se comportam como *mulheres para si*, fugindo da objetificação de ser mulher para o outro. Além disso, as personagens masculinas atestam tal entendimento, uma vez que também veem com naturalidade a conduta livre e independente das personagens femininas, sem quaisquer questionamentos.

Segundo Chartier, ao representar, faz-se a própria construção do que é representado. Assim, é importante ressaltar que *Azul Corvo* ratifica as reivindicações dos movimentos feministas ao retratar mulheres reais do século XXI, de forma natural, com liberdade sexual, de expressão e agência, independentes e emancipadas, mostrando que o

deslocamento e a crise de identidade de nossa época não se refere ao gênero – este, construído do discurso – mas simplesmente ao sujeito em si.

Referências

- Adriana Lisboa. Disponível em: <<http://www.adrianalisboa.com/>> Acesso em 08 jul. 2016.
- BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 4º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CHARTIER, R. **O Mundo como representação**. Estudos Avançados. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010. Acesso em 18 mai. 2016
- CHARTIER, R. **À Beira da Falésia. A História entre certezas e inquietudes**. Trad. Patricia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2002.
- COQUEIRO, W. S. **A representação da identidade feminina no mundo globalizado do século XXI: uma leitura de Azul-Corvo de Adriana Lisboa**. Todas as Musas. Ano 04, n. 02, p. 145-153. Jan-jul., 2013.
- DUARTE, C. L. **Feminismo e Literatura no Brasil**. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010 Acesso em 07 jul. 2016
- LISBOA, A. **Azul Corvo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- TOURAINÉ, A. **O Mundo das Mulheres**. Petrópolis: vozes, 2007.

Recebido em 2018-05-29
Publicado em 2018-09-18